



ANTÓNIO COSTA
A HISTÓRIA
DA FAMÍLIA
INDIANA
DO GOÊS
DE LISBOA

VISÃO

REPORTAGEM
O MUNDO
ESCONDIDO
DOS NOVOS
CASAIS
VENTOSOS

Luís Soares

SOARES ÍNTIMO

Retrato por quem
melhor o conheceu




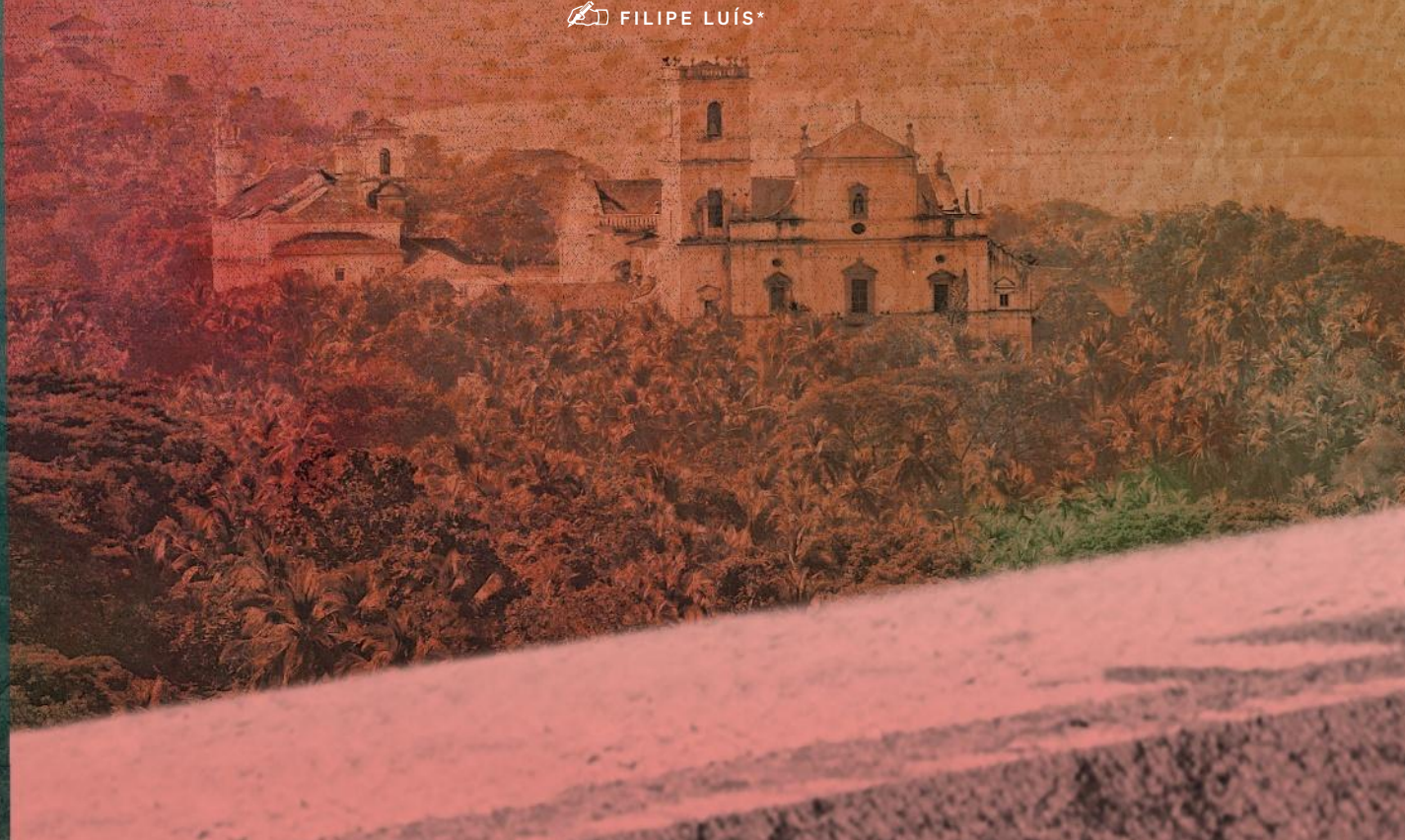
LIVRO GRÁTIS
(Se não estiver colado
peça na banca)

António Costa

O BRÂMENE DE LISBOA

ANTÓNIO COSTA PODE ENTRAR NA ÍNDIA COM UM CARTÃO DE IDENTIFICAÇÃO DE “PESSOA DE ORIGEM INDIANA”, O QUE FAZ COM QUE, NA TERRA DE SEU PAI, NÃO SEJA CONSIDERADO BEM, BEM, UM ESTRANGEIRO. PRIMEIRO DESCENDENTE DE INDIANOS A CHEFIAR UM GOVERNO OCIDENTAL, COSTA ATRAIU A CURIOSIDADE DO PAÍS QUE MAIS CRESCE NO MUNDO. QUANDO O AFETO SE TORNA UM TRUNFO DIPLOMÁTICO

 FILIPE LUÍS*



Anos 60 António Costa com o pai, Orlando. O futuro primeiro-ministro só visitaria Goa aos 18 anos





Se o Império ainda existisse e António Costa fosse vice-rei da Índia e tivesse direito a cognome, chamar-lhe-iam Costa I, o Susegad. Adivinha-se facilmente, a fonética não engana. Susegad, palavra do dialeto goês Konkani, deriva do Português “sossegado” e define alguém que é espartano, descontraído e que não se leva demasiado a sério. Pois foi isso mesmo que lhe chamaram na imprensa local. Mas os jornais de expansão nacional não são menos entusiásticos: “Viva António Costa, o homem de Goa em Portugal!”, titulava o *Times of India*, quando Costa chegou a líder do PS.

Outros, como o *Industan Times*, chamaram-lhe “o Gandhi de Lisboa”. Não apenas por ter origens indianas (por via do pai, o escritor Orlando Costa, de famílias goesas), um tom de pele mais escuro e exercer um cargo político de topo, mas, precisamente, porque, enquanto presidente da Câmara de Lisboa, mudou o seu gabinete para o Intendente “uma zona degradada de droga e prostituição”. Aquilo que o editorialista indiano interpretou como “proximidade aos mais pobres”, ajudou-o a ensaiar a rebuscada comparação com o pai da independência indiana. Pelos vistos, os indianos conhecem melhor António Costa (e a capital de que foi autarca...) do que os seus próprios compatriotas.

Por estes dias, desde o final da semana passada e até ao regresso a Lisboa amanhã, sexta-feira, o nosso “Susegad” puxa pelos galões goeses. Um deputado independente do parlamento de Goa, Vijai Sardesai, proferiu, alto e bom som, quando o líder socialista português chegou a primeiro-ministro: “O nativo vingou-se e o administrado passou a administrador...”. Ainda em Frankfurt, onde fez escala antes de chegar a Deli, já António Costa tirava do bolso o bilhete de identidade de “pessoa de origem indiana”, um documento que atesta o reconhecimento da União Indiana pelo estatuto especial dos



D.R.



GANDHI DE LISBOA

A instalação do seu gabinete de autarca no Intendente, zona pobre, foi uma das razões da comparação, na imprensa indiana



descendentes de famílias do subcontinente. Na Índia, graças ao cartãozinho, Costa não é indiano, mas também não é estrangeiro. Se viajasse incógnito, como turista, teria direito a passar, no aeroporto, por um corredor de saída especial para estes cidadãos, dispensando, assim, a espera na fila... indiana. Podia fazê-lo, como outros, mas nenhum desses seria primeiro-ministro de um país ocidental.

IMPRESNA ANDA DOIDA

As ressonâncias colonialistas presentes na herança cultural de alguns dos habitantes de Goa, sobretudo os pertencentes à casta do brâmanes católicos, uma alta extirpe convertida ao Cristianismo há vários séculos, dilui-se um pouco pelo orgulho local de terem, praticamente, “um filho da terra” aos comandos dos destinos de um país ocidental. É a primeira vez que acontece e, talvez por isso, a imprensa indiana

O clã Costa Nesta fotografia do início dos anos 30, o pai, Orlando, é a criança ao centro. Atrás, os parentes goeses, pertencentes à casta dos brâmanes católicos, antepassados de António Costa



anda doida, desde que, em 2014, Costa foi eleito secretário-geral do PS. Atentos, os jornais traçaram-lhe perfis e escarafuncharam nas suas raízes paternas. O *Times of India*, o *Hindustan Times*, o *Economic Times*, o *Indian Express*, o *Outlook India*, o *Firstpost*... Chegado a primeiro-ministro, os colunistas indianos revelaram-se improváveis especialistas na política portuguesa, descrevendo com precisão o seu percurso, a sua ascensão e a relação de forças partidárias em Portugal.

No *twitter*, o primeiro-ministro indiano, Narendra Modi, um fã das redes sociais, escreveu imediatamente: “Felicitó António Costa, pelo cargo de primeiro-ministro de Portugal. Espero vir a trabalhar com ele para reforçar os laços bilaterais.” Vai daí, pouco depois, convidava-o para uma visita de Estado, o topo protocolar das viagens de dirigentes políticos ao estrangeiro. Sim, normalmente, os primeiros-ministros fa-



O “SUSEGAD”

Vem do português e significa espartano e descontraído. Um retrato “sossegado” de Costa feito por alguns jornais



zem “visitas oficiais”, estando as “visitas de Estado” reservadas aos presidentes da República. A própria duração da deslocação – uma semana – diz bem da importância atribuída à viagem, de que se esperam frutos sob a forma de negócios entre os dois países (ver pág. 64).

Atendendo ao seu estatuto pessoal de “pessoa de origem indiana”, o governo local mandou afixar cartazes com a fotografia de Costa por toda a cidade de Bangalore, onde foi convidado de honra de um encontro da diáspora indiana, e onde estiveram reunidas milhares de pessoas. Ali, com honras de abertura, o político português teve oportunidade de sacar do bolso o mágico cartão de identidade, perante o espanto – e os aplausos – da sala.

No seu primeiro discurso, para demonstrar a multiculturalidade portuguesa e a nossa capacidade de bem receber – leia-se, os hipotéticos novos empreendedores india-

nos... – usou o seu próprio exemplo, falando do pai e apresentando-se como fruto do cruzamento de duas culturas, de portugalidade e da “visão global” de Portugal.

A cor da pele conta. Em pelo menos dois discursos, fez alusão à sua família de Margão (uma tia e uma prima), que visitou, em privado. O governo indiano editou em inglês (pela primeira vez, na Índia) um dos romances do seu pai, *O signo da Ira*, de que o seu homólogo indiano lhe ofereceu um exemplar. Mais tarde, em Goa, foi lançado outro romance do autor, *Sem flores nem coroas*.

O SANGUE AZUL DOS BRÂMANES

A mãe de António Costa, Maria Antónia Palla, contava, recentemente, ao *Público*, um episódio passado à porta da Escola Fernão Lopes, em Lisboa, onde o jovem António Luís estudava. Ao perguntar pelo filho, o porteiro terá dito: “Ah, sim, o preto!”. Assustada, confrontou o filho com a hipótese de este estar a ser vítima de racismo. Costa mostrou-se o “susegad” de sempre: “Ora! Eu sou escuro, mesmo!”. Pela vida fora, o atual primeiro-ministro nunca sentiu qualquer espécie de discriminação: “Nunca. E a cor da pele nunca me limitou. Posso ter ouvido uma ou outra vez chamarem-me monhé, mas foram episódios isolados”.

António Costa descende de famílias nobres hindus, os brâmanes, a casta indiana mais alta, o que, se tivesse de ter equivalência em Portugal, corresponderia à alta aristocracia. Essas raízes estão, aliás, na origem do espanto indiano, quando, conhecendo-o melhor, a imprensa soube do estilo de vida simples e, sobretudo, da sua decisão de trabalhar no Intendente (zona de Lisboa entretanto reabilitada). O que para nós é relativamente normal, para os indianos dá direito à comparação com Mahatma Gandhi...

Aliás, os brâmanes católicos inspiraram alguma desconfiança na classe política indiana, após a independência, por, alegadamente, “estarem feitos com os colonialistas”. Na verdade, o estatuto e a integração desses goeses foi sempre superior ao de outros povos colonizados por Portugal. A Índia portuguesa foi o único território considerado “Estado”, e com direito a vice-rei, e foi, muito cedo, amplamente cristianizada. Os seus habitantes, convertidos ao cristianismo, foram considerados “portugueses de primeira”, com acesso aos cargos da administração pública. Os brâmanes católicos mandavam os seus filhos estudar em Portugal, num vaivém antigo, mas que se intensificou ao longo do século XIX, no tempo da I República e durante o Estado Novo. Em 1820, foi a única colónia a eleger, para o Parlamento português, quadros nativos (dois brâmanes). Antes da anexação à União Indiana, sentiam-se



ARISTOCRATA

O primeiro-ministro português descende dos brâmanes católicos, a casta mais elevada do Estado de Goa



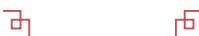
POESIA

O pai de Costa podia ter estudado em Bombaim ou Londres. Veio para Lisboa atraído pela literatura e por Pessoa...



CULINÁRIA

Em jovem, António Costa não gostava de picante. Agora, tem em casa um livro de receitas, da avó goesa, para praticar



Traje tradicional As vestes de Karnataka, Estado onde se situa Bangalore: o *mysore peta* (chapéu), o *panche* (espécie de lenço) e o *angavastram* (a capa). Nesta cidade, decorreu o encontro da diáspora indiana



tão portugueses como qualquer habitante de Viseu ou de Leiria.

Os goeses, muitos dos quais ainda hoje não se veem bem indianos, foram considerados portugueses desde o início da soberania lusa em Goa, o que distinguiu, na Índia, o colonialismo português do britânico. O território formou uma elite específica. Os lusodescendentes, chamados ‘reinóis’ (por terem raízes no reino, ou na metrópole) faziam parte dessa elite. Mas o peso maior era constituído pelas elites nativas, formadas por duas castas terratenentes: os chardós, ou guerreiros, e os brâmanes, casta dos sacer-



TIAGO PETINGA/LUSA

dotes, que transportam a palavra sagrada. O agnóstico António Costa tem aqui matéria de sobra para dar a volta ao miolo...

UM PAI REVOLUCIONÁRIO

Como nos diz a antropóloga e investigadora do ISCTE, Rosa Maria Perez, “esta casta desempenhou um papel importante e teve um estatuto privilegiado durante todo o período colonial, quer do ponto de vista do poder político, quer do religioso”. E sim, Luís Afonso Maria da Costa, o avô de António, era um desses. Quase por acidente, o pai, Orlando Costa, nasce em Lourenço



Margão, uma joia colonial

Segunda cidade do Estado de Goa, com 15 quilómetros quadrados e 87 mil habitantes, Margão ostenta a exuberância das suas mansões coloniais de influência portuguesa e é povoada por uma comunidade multirreligiosa, católica e hindu, a que não falta uma minoria muçulmana. Para lá da famosa Fonte de Ana, ergue-se, como ex-líbris da presença portuguesa, a Igreja do Espírito Santo. O Mercado Afonso de Albuquerque e o colégio jesuíta de Santo Inácio de Loyola são outras marcas poderosas de um tempo que só encontramos nos livros de História. Banhada pelo rio Sal, que os homens de Albuquerque subiram para comerciar e guerrear, era, nos séculos XVI e XVII, um dos pontos fulcrais no losango imperial das carreiras de Goa-Macau-Japão-Macau-Goa-Brasil-Lisboa. Dali trouxeram os portugueses, para a Europa, as cobiçadas especiarias, quebrando o monopólio de mercadores árabes e italianos. A sua aristocracia de brâmanes católicos, considerados portugueses desde o início da colonização, chegou a ocupar cargos administrativos, sem distinção relativamente aos quadros oriundos da metrópole ou seus descendentes. E é a essa casta de elite que pertence a família paterna de António Costa.

Marques (atual Maputo, Moçambique). A avó de António, Amélia, fora tratar-se de uma infeção pulmonar à Suíça – e este facto demonstra bem o tipo de possibilidades da família... – e, no regresso, fez uma escala na capital moçambicana, para visitar uma irmã, aí radicada. Já grávida, acaba por ficar dois anos na colónia portuguesa da África Oriental, onde nasceu Orlando. O futuro escritor acabaria por passar a infância e adolescência no Margão natal da sua família, segunda cidade do território de Goa. Na casa do clã, na Rua Abade Faria. Ali, esta semana, António Costa reviu a prima Anna Karina

J. Costa Pimpula, uma agente de viagens, filha de um irmão de Orlando. Um contacto teoricamente privado, mas perfeitamente integrado numa deslocação oficial, em que as raízes familiares foram capitalizadas em ganhos de diplomacia.

Apesar da forte influência portuguesa (em Goa eram raros os brâmanes hindus), Orlando Costa, à frente do seu tempo, resolve aderir aos movimentos anticolonialistas, embaraçando a família, ao participar, no Margão, em manifestações contra o colonialismo. Em Goa, ele é talvez o único a ser reconhecido como “combatente pela liberdade” e chega a ser detido. Uma exceção: na verdade, recorda Rosa Perez, “na Goa anexada pela Índia, muitos destes brâmanes ficaram em situação dramática e complexa, tendo perdido postos de trabalho, propriedades, e, numa Índia predominantemente hindu, perderam também estatuto do ponto de vista ritual, religioso e social”. Ainda assim, hoje, diz Rosa Perez “verifica-se uma coexistência muito harmoniosa entre católicos e hindus, o que, num país com episódios de conflitos religiosos, não é fácil encontrar”.

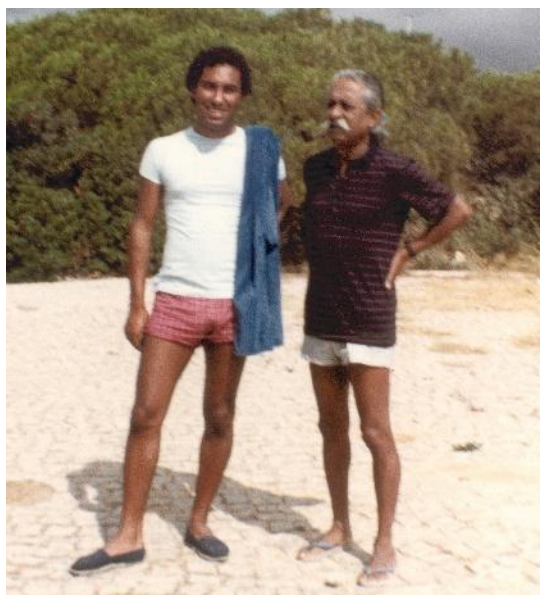
BISAVÓ FRANCESA

A família de Costa tinha, assim, um estatuto privilegiado em Goa. A situação familiar particular dos Costas permitiu que, desde muito cedo, tivessem ligações a África e à Europa. “Uma bisavó de António Costa era francesa”, lembra Rosa Perez. Esse cosmopolitismo foi bem assimilado pelo jovem Orlando. Mas em vez de ir estudar para Bombaim ou Londres, como pretendia o pai, Orlando Costa demanda Lisboa, atraído pela Literatura portuguesa e, como conta António Costa, pelo fascínio por Fernando Pessoa. Tem 18 anos. Orlando, o anticolonialista, virá a ser, ironicamente, um importante escritor português. Nesta viagem, por iniciativa do governo indiano, dois dos seus livros foram traduzidos em Inglês e, pela primeira vez, editados e apresentados em Deli e em Goa.

Orlando Costa apenas voltaria à Índia depois do 25 de Abril, em 1975, com 45 anos, é já ele um conhecido militante do PCP, partido a que aderira em 1954. Casado, em primeiras núpcias, em 1953, com Maria Antónia Palla, jornalista, feminista, militante do PS depois do 25 de Abril, tem já filhos de dois casamentos, António e Ricardo Costa (que virá, também a seguir a carreira do jornalismo), com diferença de sete anos entre eles. Nessa altura apresenta, também, no currículo, algumas detenções pela PIDE.

NÃO GOSTAVA DE PICANTE...

Em julho de 1961, ano *horribilis* de Salazar, nasce, em Lisboa, António Costa. Cinco meses depois, na intitulada *Operação Vijay*, a

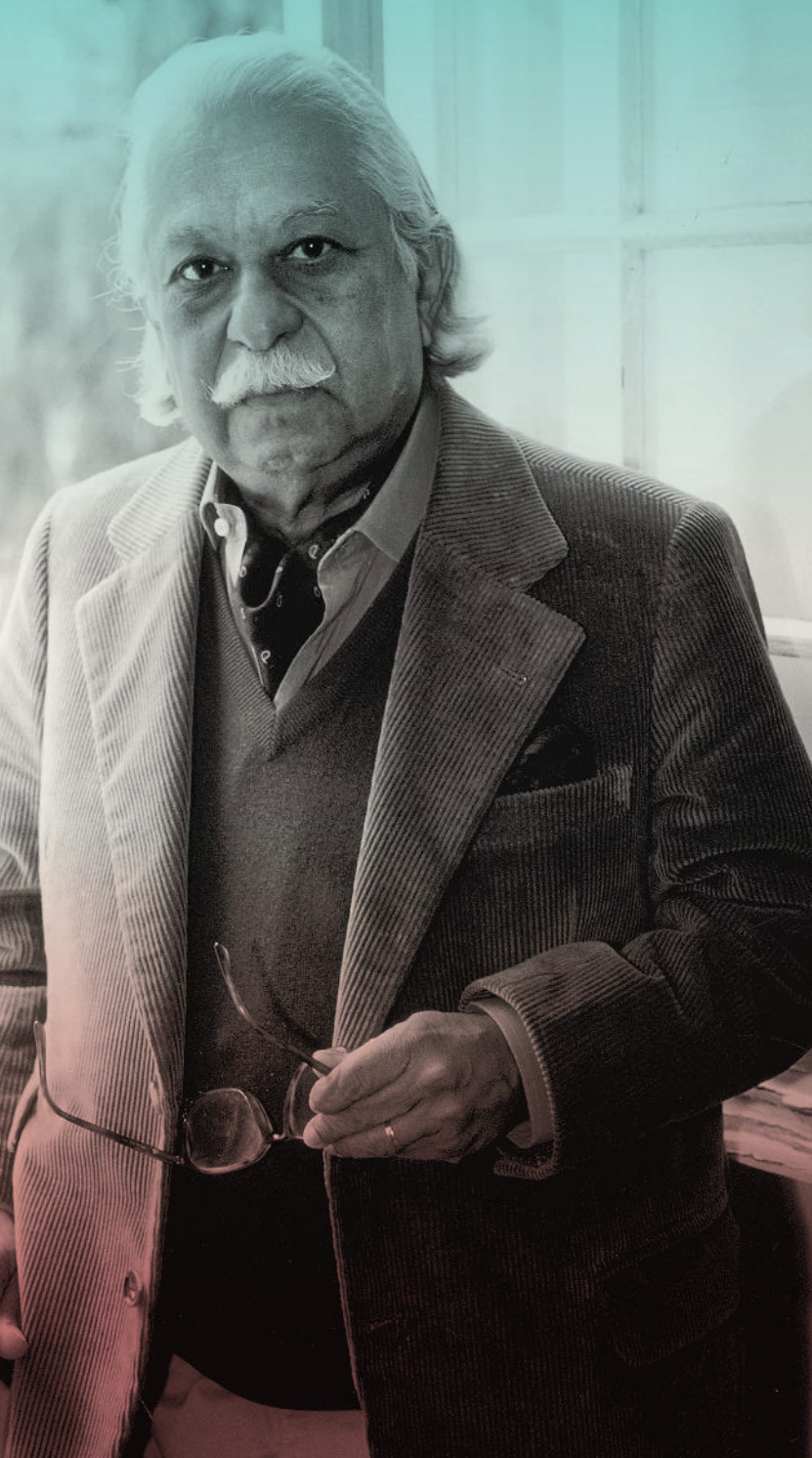


Pai presente

Família Costa com o pai, reconhecendo-se Ricardo à esquerda e António à direita.

Com o pai na praia e a ficha da PIDE do jovem anticolonialista e futuro comunista Orlando Costa





D.R.



António
conheceu Goa,
aos 18 anos,
tendo o pai
por cicerone.
Uma romagem
de saudade

União Indiana anexa os territórios de Goa, Damão, Diu, Gogolá, Simbor e Anjediva, após uma musculada intervenção militar por terra, ar e mar, depois de anos de tentativa de negociações com o governo de Salazar. Na memória genética de António Costa talvez estejam os coloridos templos em honra de Ganesh, os carros enfeitados, os colares de flores cor de laranja de Goa – mas ele conhecerá, apenas, a luz da capital do Império. Quando aos 18 anos, acompanha, pela primeira vez, o pai, numa romagem de saudade (numa viagem em que seguirá também o irmão, Ricardo, com apenas 11 anos), Costa ainda não aprendeu a apreciar, sequer, a gastronomia indiana. “Não gostava de picante”, dirá. Mas aprende a gostar. Do dialeto Konkani, pouco mais conhece do que a palavra “babuche”, que o pai utilizava carinhosamente para se lhe referir, e que significa “rapaz”. Em Lisboa, nunca conheceu muita gente oriunda de Goa. O pai dava-se com alguns amigos conterrâneos, todos da elite, casos de Bruto da Costa, Kalidás Barreto ou Narana Coissoró.

Em Goa, o jovem Costa encanta-se pela natureza luxuriante do território dos seus antepassados paternos – e apaixonava-se. Mas sente-se esmagado pela miséria de Bombaim, “uma experiência muito traumática”. Acompanha com emoção os passos da “peregrinação” do pai, na tentativa de reencontrar cada pedra e cada esquina da sua primeira juventude. A idade adulta dar-lhe-á a graça de apreciar, finalmente, a sugestiva gastronomia goesa e até guarda em casa um velho livro de receitas da avó Amélia, descoberta por Ricardo na antiga casa do pai de ambos.

Cozinheiro encartado, o primeiro-ministro espera ter um dia “o tempo necessário” para se concentrar o suficiente e aventurar-se na escolha dos ingredientes e na confeção dos sabores, o que requer, diz ele, “uma enorme disponibilidade”. O pai, falecido em 2006, não era propriamente um adepto de bombardear o quotidiano dos filhos com a sua própria origem cultural, daí que Costa só há pouco mais de três anos tenha tomado contacto com o típico prato goês *chacuti*, de que gostou e que quer aprender a cozinhar. Para já, dedica-se à sua principal especialidade, um prato que é, como ele próprio, também um filho do Império: a moqueca de camarão...

Para embarcar em novas aventuras culinárias, que integrem a herança cultural paterna, o cargo de primeiro-ministro não facilita nada, pelo tempo que tal aprendizagem vai exigir. Para se arriscar na confeção de um delicioso sarapatel, terá, primeiro, de “sossegar” um pouco. E fazer mais jus ao seu cognome indiano. ■ ***Com Márcia Galvão e Pedro Cruz, enviado da SIC à Índia**